

6 Eliana achou muito caro armário da Ianni, que demitiu Elizabeth, que parou de comprar roupas...

Carlos Cândido (*) 229

BELO HORIZONTE — Há 45 dias a funcionária pública Eliana Rezende — de 36 anos, dois filhos e uma renda mensal de Cr\$ 70 mil — está percorrendo lojas nesta capital pensando em comprar um armário de três portas. Na manhã de sexta-feira desistiu e adiou o projeto. Quando começou a procurar, o armário desejado custava em torno de Cr\$ 45 mil. Agora, vale cerca de Cr\$ 60 mil.

"Estou cada vez mais longe da compra. Só vou olhar de novo em janeiro ou fevereiro, se as coisas melhorarem", lamentou Eliana, para quem "esse guarda-roupa está fazendo muita falta".

Não foi apenas Eliana quem desistiu. O sumiço de centenas de pessoas como ela transformou as lojas de móveis em verdadeiros desertos de consumo, como a cadeia Ianni, uma das maiores de Minas, com fabricação própria de armários na cidadezinha de Sarzedo, distrito de Ibirité, na região metropolitana.

"Nossa produção já chegou a 800 armários por mês e caiu para 200. Mesmo assim ainda temos armários em estoque. Nos últimos meses demitimos 150 dos 270 empregados que tínhamos na fábrica e vamos dar férias coletivas em janeiro" contabiliza, com desalento, o diretor da Ianni, Paulo Penido. Se não houver reação do mercado até fevereiro novas demissões poderão ocorrer.

Penido acredita que o segmento de móveis é um dos primeiros atingidos pela recessão. "O que está acontecendo agora conosco é o retrato do que vai acontecer com todo mundo depois", prevê, sombrio. Em meados do ano, a Móveis Ianni chegou a fazer um leilão de suas mercadorias, para enfrentar a baixa de vendas.

Demitidos — Se a situação da empresa não é nada confortável, a vida em Sarzedo também não é cor-de-rosa. Como dezenas de colegas, Elizabeth Gomes, 22 anos, foi demitida em outubro da Fábrica de Móveis Mipa (do grupo Ianni, em Sarzedo), onde trabalhou três anos e meio. Hoje ela toca o bar que seu pai possui, mas os negócios não vão bem. As vendas se limitam quase a refrigerantes e cerveja. Praticamente sem renda, Elizabeth, que é solteira, cortou drasticamente seus gastos, principalmente a compra mensal de roupas.

"Se era isso que o Collor queria, que o povo parasse de comprar, está conseguindo. A gente agora só compra o necessário", disse Elizabeth, que cortou também seu passeio dominical com amigas de Ibirité. Ela acha que a tendência para o ano novo é a situação econô-

mica do país piorar, mas, apesar disso, apóia o governo federal. "O Collor vai resolver o problema da inflação, mas até lá as pessoas vão passar necessidade", prevê Elizabeth, que tem curso de auxiliar de enfermagem, mas trabalhava como operária na Mipa.

A falta de dinheiro no bolso de Elizabeth, como de muitos outros clientes, se refletiu no movimento da Fabrine Moda Jovem, uma das principais lojas de Ibirité. "De outubro pra cá o movimento está péssimo. Essa orientação para as pessoas não comprarem está errada", criticou a proprietária da Fabrine, Neildes Rodrigues Pereira. Ela afirmou que em 16 anos no comércio nunca viu crise igual. "1982 foi um ano difícil, mas não chegou a tanto".

Mesmo oferecendo prazos de 30 e 60 dias para pagamento, Nildes Pereira viu seu movimento cair 70% nos três últimos meses: se em outubro suas vendas semanais estavam entre Cr\$ 50 mil e Cr\$ 60 mil, este mês mal chegam a Cr\$ 20 mil. Ela espera "uma reação apenas no dia 22, até o dia 24", em consequência do Natal, mas não vê solução para a recessão em 1991 e está satisfeita por não ter de pagar aluguel, pois ocupa prédio próprio. Em contrapartida, quase não pode conter gastos, pois tem apenas uma funcionária na loja.

(*) Colaborou Maurício Lara.

Belo Horizonte — Aarão Octaviani



Elizabeth: demitida em outubro